

22-07-2020

CARTA AO PRESIDA

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás]

Olá, Presida, escrevo essa carta com profunda informalidade, haja vista que você não é um sujeito dado a protocolos e até os rechaça. Primeiramente, como está o isolamento depois da contaminação? Acredito que sua *gripezinha* vai passar logo, você tem um organismo bem resistente. Esse corpinho de atleta é imune ao vírus, afinal o que é um pulmão contaminado por Covid-19 em um corpo cujas mãos estão infectadas pelas bactérias das milícias? Você vai tirar isso de letra, mas indico vitamina C, aquelas pastilhinhas efervescentes têm uma agradável coloração laranja. Venho, através de dúbias intenções, fazer profundos elogios ao seu governo. As férias estão em curso e me toquei que esse governo será responsável por uma geração de crianças que não irá à Disney. É claro que não podemos tirar o mérito do próprio Corona vírus, mas a situação cambial em que uma doleta custa mais de cinco reais seria quase impossível a classe média viajar para ilha da fantasia do tio Sam. Todo início de julho era a mesma história, os emergentes lotavam os aviões, em voos promocionais, com destino à Disneylândia. Crianças e pais, unidos pela diversão, e frases, como “filhão, você quer conhecer o Mickey ou a Minnie?”, transitavam livremente pelos aeroportos internacionais. Desconfio que essas frases carregam outros sentidos, os papais da classe média querem, na verdade, dizer “Eu sou rico, eu vou à Disney”. Essa ágil estratégia, de requerer reconhecimento entre os estranhos, denota que a classe média deseja exclusividade e não inclusão social. Os viajantes que conhecem os Estados Unidos apresentam vários distúrbios com relação ao tamanho das coisas. Elogiam o tamanho dos carros, do pedaço de pizza, do copo de refri e, claro, o tamanho do hot-dog. Que tara é essa pelo tamanho da salsicha?

As blusas de moletom da GAP, que se pronuncia GAAAAAAPP, para dar entonação de uma ostentação esnobe, são símbolos para reforçar a vaidade do consumo.

Os Estados Unidos, que foram o primeiro país com o sistema político democrático, vendem a fantasia das princesas e dos príncipes. A monarquia torna-se uma aproximação estética com o belo e bondoso.

O Brasil manteve uma monarquia escravagista até o final do século XIX e toda classe média acha que é herdeira de algum trono imaginário na Terra do Nunca.

Há uma renegação em ter um pé na senzala porque querem ter os dois na casa-grande. Essa contradição é muito séria, no mundo encantado, ninguém quer ser o sapo.

As festinhas de aniversário, que se prezem, têm temas de desenhos animados. Os temas de super-heróis bombados carregam o desejo paterno de que o filho tenha pênis duro para o mundo. Presida, seus meninos já tiveram festinhas com temas da Disney? O Huguinho, o Luizinho e o Zezinho, os sobrinhos que defendiam a fortuna do Tio Patinhas, seriam o Dudu, o Flavinho e o Carluxo? O Trump está para o Mickey como o senhor está para o Pluto? Com 14 milhões de desempregados, uma abrupta recessão econômica e a formalidade trabalhista descendo a ladeira, o sonho de encontrar o Mickey Mouse tornou-se uma miragem cada vez mais distante. Naqueles protestos de 2016, criancinhas, no ombro dos pais, pediam o impeachment para irem à Disney. Muito obrigado, capitão e equipe ministerial, vocês são responsáveis por diminuir esse esnobismo da classe média brasileira. Quando o *Chicago boy* Paulo Guedes defendeu que o dólar iria ficar em uma cotação alta, seu argumento foi de que as empregadas domésticas não saiam da Disney. Na eternidade de uma semana, essa foi uma polêmica que abalou a vida social brasileira: a imprensa marchou em ataque para desmentir o ministro. O dissabor não foi o desmerecimento das empregadas domésticas, mas rebaixar médicos, advogados, engenheiros e arquitetos à condição de empregadas domésticas. Qualquer desajuizado sabe que esse setor, fragilizado pela informalidade, não tem grana para fazer turismo, quanto mais fazer *selfie* com um rato gigante. A classe média faz financiamento de carrão, estoura cartão de crédito, paga escola cara e posta *history* de vinho chileno para afagar uma voz inconsciente de que ela não é pobre. Tomamos leite quente, antes de dormir, para sonharmos que somos patrões, entretanto, acordamos com um despertador gritando, na madrugada, “Levanta e vai trabalhar, você é pobre”. Talvez essa seja a grande explicação do mau-humor matinal. Podem chamar muita gente de fascista, só não usem falar que são pobres.

Não fique bravo, vou falar um pouco mais sério e, se não entender, leia com o responsável da pasta da secretaria da cultura. A arte de entretenimento não possui sangue, apenas *catchup*. Uma geração, que cresceu chorando com Ariel, Elsa e Simba, gosta dos injustiçados que sofreram algum tipo de ataque. A comoção cria um tipo de choro coletivo que perdoa e condena simultaneamente.

Esse negócio de *catchup*, se for bem aplicado, pode dar até uma faixa presidencial. A fantasia e a imaginação tornam-se matérias-primas adocicadas de uma ficção que reforça estereótipos. Ir à Disney traz a ilusão que não estamos no mundo subdesenvolvido, esquecemos a [Gente Humilde](#), de Garoto, Chico Buarque e Vinicius Moraes, para dançarmos nos embalos da arte ostentação. Presidente, o senhor será responsável por geração de jovens mais politizada.

Esse trabalho terá mais êxito que o da própria esquerda. Muito obrigado... ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores da Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.